

AUTOBIOGRAFIA: RELAÇÃO FANTASMÁTICA ENTRE AS ESCRITAS DO EU E AS ESCRITAS DE SI

Deise Quintiliano PEREIRA *

- **RESUMO:** Por intermédio do projeto autobiográfico sartriano, cuja produção literária nos propõe inúmeras maneiras de “escritura de si”, este trabalho traz à luz as discussões sobre a singularidade e a alteridade, o eu e o outro, o “bio” e o “gráfico”, inscrevendo nossa proposta de abordagem na verificação de como o percurso escritural desse projeto nos permite passar em revista nuanças que balizam a problemática identidade do escritor.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Autobiografia. Gênese. Escritura de si.

Escritas do “eu” e escritas do “si”

Gênero problemático no meio do caminho entre a história, destinada à coletividade, e a criação romanesca, dedicada à singularidade, a biografia é, como constata Philippe Lejeune (2008), um dos gêneros mais praticados e menos estudados. *O pacto autobiográfico* apresenta-se como um livro que reúne ensaios de reflexões de Lejeune esparsos por mais de 30 anos sobre um tema que está longe de produzir ou buscar um consenso. Uma resposta aos detratores da autobiografia no meio acadêmico e literário – defensores da **alta** cultura e da **verdadeira** literatura – revela-se uma dificuldade, levando Serge Doubrovsky a criar a “palavra-valise **autoficção**” (LEJEUNE, 2008, p. 81, grifo nosso), nos anos 1970, para definir seu livro *Fils*, libertando, assim, o desejo de narrar a experiência vivida da etiqueta incômoda de autobiografia.

Em 1971, Lejeune lança seu primeiro livro dedicado ao tema, *A autobiografia na França*. Em seguida, em 1975, pelas edições Seuil – mas primeiramente na revista *Poétique* – aparece seu ensaio mais conhecido no Brasil, que é *O pacto autobiográfico*. A interessante estratégia de apelo à cumplicidade do leitor é reformulada em 1986 (*O pacto autobiográfico bis*), seguida por sua releitura, em 2001, (*O pacto autobiográfico, 25 anos depois*). Em mais essa etapa de reavaliação do texto primevo, seu autor reflete sobre o caráter muito normativo da proposta original, criticada por muitos, justificando sua política em teorizar

* UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras – Departamento de Letras Neolatinas. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 20521-050 – deisequintiliano@uol.com.br

um gênero até então banido do cânone. Havia ali uma forte ancoragem no modelo estruturalista que irrompeu como uma avalanche norteadora de diversas epistemes: antropologia, filosofia, psicanálise, literatura, linguística ou sociologia, as quais não atravessariam incólumes o longo desfiladeiro pedregoso urdido nas entranhas do formalismo russo.

O revisionismo produziria seus resultados: a organização dos ensaios alarga e democratiza seu *cópus*: “[...] democratizei-me: passei a me interessar pela vida de qualquer um e pelas formas mais elementares e também mais comuns do discurso e da escrita autobiográfica. Devo essa mudança de direção a Sartre.” (LEJEUNE, 2008, p. 66). Assim, partindo de textos autobiográficos de autores consagrados – nas sendas tradicionais das *Confissões* (Santo Agostinho) – a investigação de Lejeune toma outro curso, incorporando a autobiografia como discurso literário, mas também como fato cultural: os relatos do homem comum; as edições de autor; as autobiografias dos que não escrevem compostas em colaboração; a influência da mídia na formação da figura do autor.

Nosso exegeta da biografia à la Rousseau funda, em 1992, a APA, quer dizer, a *Associação para a autobiografia e para o patrimônio autobiográfico*. Suas perquirições vão se estender a diversas figurações de autorrepresentação – o cinema, as artes plásticas, a correspondência – o que lhe permitirá repassar em revista o conceito originário de pacto, verificando sua adequação a **outras formas de expressão de si**.

Ao deslocar seu foco para a **escrita de si** cotidiana, sigilosa, como o diário, atentando para o aspecto fragmentário das formulações decorrentes da mudança de suporte (do caderno ao computador; do sigilo à auto-exposição na internet e nos blogs), a ampliação do *cópus* implicará o deslocamento da sua orientação teórica inicial. Sem perderem o valor de objeto estético, **as escritas do eu** passam a ser consideradas um ato social, tomando o caminho da crítica cultural, mobilizando outras disciplinas: “Tornei-me historiador aprendendo a trabalhar com arquivos, e sociólogo, aprendendo a fazer pesquisas... frequentei mais antropólogos e psicólogos que analistas de literatura. O resultado é que meus colegas de área me olham hoje de cara feia e me perguntam onde, para mim, termina a literatura.” (LEJEUNE, 2008, p. 9).

Desde o início de seu percurso, a busca por um instrumental crítico mais tradicional – como a narratologia ou o formalismo russo – representou um caminho oblíquo para chegar a seus fins: a valorização do discurso autobiográfico e sua inclusão no campo da literatura. Já no *Pacto*, a postura crítica de Lejeune se opõe ao conservadorismo, ainda que seu interesse se restrinja às autobiografias de escritores consagrados. O rigor e o estilo neutro do primeiro *Pacto* – com vistas a abordar um gênero desconsiderado pela crítica tradicional ou tido como irrelevante – vão pouco a pouco cedendo lugar a uma argumentação que inclui a invenção e pode ser ilustrada pelo próprio diário de adolescência do autor.

O resultado é cada vez mais um estilo metafórico, subjetivo, modificando-se como seu objeto, conforme poderemos verificar nos últimos textos que relatam as pesquisas sobre diários no computador e os blogs. Há um interesse cada vez mais crescente entre nós pelo tema da memória e pelas **escritas de si**, tanto no campo da sociologia, da antropologia, da história ou da construção de *selves* individuais. No início dos anos 1980, após acolher a dilatação de sua pesquisa sob o abrangente título **relatos de vida**, nosso autor vê-se finalmente confrontar com as expressões **escritas do eu** ou **escritas de si**, expandindo, definitivamente, o espaço de atuação e incorporando a **verdadeira literatura**, isto é, a ficção.

Quanto à oscilação no intercambiamento dos conceitos sinônimos, é bastante curiosa a afirmação do teórico que optamos por destacar: “Quanto à passagem, nessas fórmulas, do **eu** ao **si**, desconfio que haja aí um reflexo do pudor cristão. Pascal disse isso: **o eu é detestável**. O **si** tem um lado búdico, geral, altruísta – é mais aceitável.” (LEJEUNE, 2008, p. 82, grifo do autor). Passados quinze anos, de 1986 a 2001, é nesse contexto que pode-se compreender a dinâmica do engenho e da arte de Lejeune. Em *L'autobiographie en France*, o autor de *Moi aussi* evoca uma espécie de pré-história de tudo o que precede Rousseau e no *Pacto autobiográfico* esclarece que as análises decorrentes da história só adquirem sentido nos tempos modernos, aproximadamente, a partir de 1770, período recortado pelo investigador que conduzirá ao conceito operacional intitulado **ilusões de perspectiva**, desdobrando-se, por seu turno, em **ilusão de eternidade** e **ilusão de nascimento**, presentes na narrativa que abordaremos a seguir.

A gênese autobiográfica: o “bios” e o “graphein”

As biografias compõem uma parcela significativa da produção literária sartriana, propondo-nos diferentes maneiras de “escritas de si”. Dentre essas, destaco a novela *A infância de um chefe*; o “diário de guerra”; os *Diários de uma guerra esquisita*; as entrevistas autobiográficas; as biografias de escritores; a narrativa autobiográfica, *As palavras* – intitulada ao longo do decênio da gênese autobiográfica de Sartre (1953-1963) – João Sem Terra, irmão do rei Ricardo Coração de Leão. Com a elaboração desses textos, Sartre tenta responder à pergunta obsessiva que o leva a produzir biografias: como a alteridade, a investigação do outro, conduz à ipseidade, ao conhecimento de si mesmo? A imprecisão dos limites que cindem o “auto” do “biográfico”, na obra sartriana, começa a delinear-se com base num relato do escritor, em carta enviada a Simone Jolivet, uma namorada da juventude: “Só consigo me interessar pela narrativa da vida de grandes homens. Vou tentar encontrar nelas uma profecia da minha própria vida.” (SARTRE, 1983, p. 14).

Através de um rastreamento minucioso de suas múltiplas facetas, os personagens nos quais o escritor busca essa resposta é sempre um ser privilegiado.

Isto pode ser verificado nas suas biografias de Flaubert, Baudelaire, Jean Genet, bem como nos ensaios sobre Mallarmé, Tintoretto e Leconte de Lisle. Em sua crítica literária, Alain Buisine (1988, p. 54, grifo do autor) reconhece o caráter de busca identitária que norteia o projeto (auto)biográfico sartriano: “[...] seja romancista ou pintor, poeta ou escultor, Sartre passa de um para outro *apenas* na esperança, infinitamente deceptiva e adiada, de compensar seu próprio enfraquecimento identitário, construindo uma imagem de si mesmo aos seus próprios olhos.” Isso ocorre porque, para Buisine (1985, p. 117), “[...] toda pintura remete à crucial questão do [meu] *autoportrait*: uma situação verdadeiramente aterrorizadora visto que ela torna possível o fato de toda imagem olhada por mim interrogar-me simultaneamente sobre minha própria imagem.”

Tal afirmação permite-nos vislumbrar nos fundamentos do projeto (auto)biográfico sartriano um diálogo com a proposta de Montaigne de constituir um **autorretrato**. Todavia, enquanto Montaigne considera-se objetivamente, como se fosse “outro”, visando atingir o autoconhecimento, Sartre parte de um conhecimento mais universal do homem, isto é, da **realidade humana**, na tentativa de promover uma consideração objetiva de sua própria singularidade.

Tamanha é a absorção de Sartre pela escrita (auto)biográfica que uma análise mais detida desse modo literário de expressão possibilitaria inferir, na trilha de Gerd Bornheim, (1998, p. 26), que “[...] todas as suas pesquisas são como aprestos necessários para a exploração do fato biográfico.” Também, segundo Bornheim (1998, p. 36), na obra de Sartre, a sucessão de fatos e episódios exteriores transformam-se no caudal de uma história viva, onde não se verificam “[...] nem exterioridade inaugural, nem interioridade viciosa, mas o esforço de síntese entre o indivíduo e o século, o homem e o mundo [...]”, este homem sempre visto em situação.

Assim, Sartre confere à (auto)biografia um caráter mais racional e científico, o que permite a Philippe Lejeune reconhecer nele o primeiro escritor a fundar a técnica da biografia baseada na adoção de um método verdadeiramente original. De acordo com Lejeune (1975, p. 202), Sartre cria novas estruturas narrativas que implicam uma renovação geral da antropologia e dos modelos de descrição e explicação do homem.

O ponto de partida da tarefa (auto)biográfica sartriana não é a nostalgia da infância: “[...] o leitor já deve ter compreendido que detesto a minha infância e tudo o que lhe diz respeito.” (SARTRE, 1964, p. 135). O que importa é, sobretudo, a preocupação teórica, a ambição sistematizante de um escritor que já refletia, desde sua primeira obra filosófica, *A transcendência do ego*, sobre a questão do sujeito.

Apoiada no engajamento, a concepção literária sartriana prima pela objetividade e pela transparência: “[...] a função de um escritor é chamar um gato de gato. Se as palavras estão doentes, cabe a nós curá-las.” (SARTRE, 1948, p. 281). Essa perspectiva insinua-se igualmente nos escritos (auto)biográficos do

autor, nos quais a linguagem representa um instrumento de apreensão da realidade. Nesse sentido, os *Diários de uma guerra esquisita* permitem a compreensão do estatuto maior que Sartre (1995, p. 329) atribui ao projeto (auto)biográfico: “[...] engajei-me numa forma de existência fulgurante e um tanto excessiva, sem vida interior e sem segredos.”

O fascínio pela objetividade seria ainda referido no seu *Autoportrait à soixante-dix ans*:

Acho que a transparência deve substituir completamente o segredo. Sonho com o dia em que dois homens não guardarão mais segredos um do outro porque não guardarão de ninguém. [...] Cada um de nós deveria poder dizer, diante de um entrevistador, o que há de mais profundo em si. [...] Eu tento ser o mais translúcido possível. [...] Eu tento ser o mais claro possível com vistas a revelar inteiramente minha subjetividade. (SARTRE, 1976, p. 141-143).

Sartre parece, então, evocar um retorno ao **biográfico**, contra as conquistas da modernidade, isto é, a um **biografismo**, tributário da autenticidade e da veracidade dos fatos narrados. Assim sendo, o escritor refutaria hibridismos, polifonias e polissemias que são a marca de uma retórica biográfica contemporânea. Limitando-se ao exercício de acumulação de documentos exatos e verificados, ordenados numa narrativa que conduz univocamente do nascimento à morte, essa proposta cria uma certa ilusão retrospectiva: “Eis a miragem: o futuro mais real que o presente. Não é de se admirar: numa vida terminada, é o fim que consideramos a verdade do começo.” (SARTRE, 1964, p. 168-169).

Todavia, Alain Buisine (1991, p. 10) bem observa que o ecletismo pós-moderno enfraquece as defesas da historiografia científica e que de todos os questionamentos lançados, o sujeito não saiu intacto, nem idêntico a ele mesmo:

O biográfico, pelo menos nas suas mais interessantes experimentações contemporâneas, não esqueceu as lições de nossa modernidade. [...] O que me parece hoje decisivo é que a autobiografia não é mais o outro da ficção. Não há mais de um lado a imaginação romanesca, que se autoriza todas as invenções e do outro a reconstituição biográfica laboriosamente obrigada a submeter-se à exatidão referencial dos documentos. A própria biografia é produtora de ficções, começando mesmo a compreender que a ficcionalização faz parte do gesto biográfico.

Não são mais dicotomizadas, então, as distinções entre imaginação literária e documento autêntico (ou autenticidade), ficção romanesca e “verdade” de uma vida, intuições pessoais do biógrafo e revelações dos seus mais próximos, projeções (auto)biográficas e existência efetivamente vivida. As (auto)biografias refletem,

desta sorte, a impossibilidade de limitar-se à esfera de acumulação documental verídica, que vise à uma *aveuglante vérité*, capaz de refletir uma *translucidité totale*.

Uma análise mais detida da elaboração (auto)biográfica sartriana demonstra que, progressivamente, o escritor dribla a aparente ingenuidade de retorno a um paradigma de confissão rousseauísta, formidavelmente definido por J. Starobinski (1971), em *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*, onde é o desejo de transparência que institui o obstáculo mais contundente a um **dizer verdadeiro**: “[...] quero mostrar aos meus semelhantes um homem em toda a verdade de sua natureza; e esse homem serei eu. Apenas eu. Sinto meu coração e conheço os homens.” (ROUSSEAU, 1959, p. 5).

Sartre (1976, p. 143-144) parece perceber essa impossibilidade, admitindo, em determinado momento, a Michel Contat: “Tudo ver, ser inteiramente visto, [...] como qualquer um, tenho um fundo escuro que se recusa a ser dito – O inconsciente? – Absolutamente. Falo de coisas que sei... a gente não pode dizer tudo, você bem sabe.” Contrariando sua proposta inicial de transparência, o escritor revelaria ainda: “[...] como todo escritor, eu me escondo.” (SARTRE, 1976, p. 105). Tal constatação insinua-se ainda na ficção sartriana. Personagem de *A idade da razão*, Mathieu vê ruir o projeto de transparência total, numa reflexão sobre seu relacionamento com Marcelle:

Nós nos dizíamos sempre tudo, ele pensa. Marcelle me dizia tudo, ah! [...] Ele estava lá, sentado na banquetta do café, os olhos fixos no chão como se alguma coisa tivesse se quebrado. Aconteceu, a conversa *aconteceu*. Nem visto, nem ouvido, eu não estava lá, eu não soube de nada, [...] as palavras foram ditas. Eu não soube de nada. (SARTRE, 1982, p. 655-656, grifo do autor).

Desmascarando as estratégias sartrianas de elaboração de um discurso confessional, Philippe Lejeune (1975, p. 197-243) demonstra de que modo, em *As palavras*, o desejo assumido pelo autor de domínio total dos sentidos inaugura uma modalidade (auto)biográfica – a **fábula teórica**, governada por uma ordem dialética.

Lejeune esclarece, também, como o desejo de transparência de **si a si mesmo** e **aos outros** implica, em Sartre, o resultado de uma reconstrução teórica. A indagação sartriana, que figura no *incipit* de *O idiota da família* (SARTRE, 1971-1972, p. 7), “[...] o que se pode saber de um homem hoje?”, não é, então, válida apenas para a compreensão de Flaubert e de sua biografia, mas para a definição de todo o projeto (auto)biográfico sartriano. O modo de compreensão de si que *As palavras* propõem revela-se, assim, indissociável das investigações teóricas enunciadas na *Crítica da razão dialética*. Por isso, em oposição à noção de autobiografia, num sentido clássico, Serge Doubrovsky (1991) elabora o conceito de **autoficção**, visando dar conta da dimensão fluida que reveste os fatos biográficos.

Essas constatações levam ainda Doubrovsky (1991, p. 19, grifo do autor) a considerar que “[...] o que era na autobiografia tradicional **história**, torna-se sutilmente, em Sartre, **demonstração**, os dois registros confundindo-se numa unidade indissolúvel.” A originalidade da proposta sartriana reside no fato de essa fusão ideal dos dois discursos traduzir-se numa impossibilidade assumida por Sartre: “*As palavras* é uma espécie de romance também, um romance no qual acredito, mas que apesar de tudo continua a ser um romance.” (SARTRE, 1976, p. 146).

O recurso à forma romanesca para a exploração do fato (auto)biográfico impossibilita sua inscrição enquanto lugar de uma evidência, de uma transparência, de uma verdade: “[...] um romance é o lugar de um discurso problemático que o domínio de nenhum sentido *a priori* poderia governar. Desde o início, o texto propõe uma leitura plural, irreduzível àquela que o escritor, em nome de uma ideologia, poderia tentar impor-lhe.” (DOUBROVSKY, 1991, p. 20).

Apesar da aparente dissonância no plano teórico, a realização concreta do projeto sartriano conforma-se às aspirações de tal perspectiva (auto)biográfica, uma vez que o caminho de acesso à subjetividade, em Sartre, é intermediado pela construção ficcional. Em *Jean Genet, ator e mártir* (SARTRE, 1952, p. 83), o escritor admite: “Isso aconteceu assim ou de modo diferente, com toda verossimilhança. Pouco importa: o que conta é que Genet viveu e não cansa de reviver esse período de sua vida como se tivesse durado apenas um instante.” O ficcionismo biográfico insinua-se, igualmente, no estudo dedicado a Flaubert:

Eu confesso: isto é uma fábula. Nada prova que tenha acontecido assim. E pior ainda, a ausência dessas provas – que seriam necessariamente fatos singulares – remete-nos, apesar da fábula, à esquematização, à generalidade, minha narrativa aplica-se, assim, aos neófitos em geral, não a Gustave em particular. (SARTRE, 1971-1972, p. 139).

Essa posição corrobora a hipótese de que o biógrafo sempre reinventa o biografado, sendo ainda ratificada por Kerbrat (1997, p. 29-30), ao afirmar que a autobiografia não tem meios para realizar sua promessa de exatidão, pretendendo ser exata sem possuir as condições de sê-lo.

Em suas recordações de guerra, Sartre assume resolutamente a defesa da ficção. Ao ler no jornal a seguinte crítica de Emile Bouvier, professor e crítico literário, “Duvido que o Sr. Sartre torne-se um grande romancista, pois ele parece rejeitar o artifício e no artifício há **arte** [...]”, o escritor reage, violentamente, afirmando: “[...] que idéia esquisita ele faz de mim, se acredita que rejeito o artifício. Ora bolas, bem sei que num romance é preciso mentir para ser verdadeiro. Mas adoro esses artifícios, sou mentiroso por gosto, senão não escreveria nada.” (SARTRE, 1995, p. 374-375).

Uma reversão radical opera-se, pois Sartre admite que a obra é capaz de rivalizar com a vida, podendo até mesmo esclarecê-la: “A obra nunca revela os segredos da biografia, podendo ser apenas o esquema ou o fio condutor que permite descobri-los na própria vida.” (SARTRE, 1995, p. 109). Como observa Vincent Coorebyter (1998, p. 108), o paradoxo do “mentiroso” força-nos a desconfiar dos modos como Sartre tentava compreender-se, descrevendo-se em diferentes momentos da sua existência, a ponto de não se saber mais “[...] se o texto é um produto da vida ou a própria vida um produto do texto autobiográfico.” Aliás, Alain Buisine (1990, p. 51, p. 52 e p. 66) já havia lançado essa hipótese em “Nascimento de um biógrafo: soldado Sartre, setor 108”. Pura coincidência ou antecipação de fatos, os personagens de *A náusea* prefiguram, em boa parte, o percurso do homem Sartre: engajamento, prisão na guerra, fraternidade entre os prisioneiros, biografias etc.

Referindo-se ao seu estudo sobre Flaubert, Sartre (1976, p. 94) concede, finalmente, que as biografias são articuladas como *des fictions vraies, des vérités fictives*: “Gostaria que lessem meu estudo como um romance porque, de fato, é a história de uma aprendizagem que conduz ao fracasso de toda uma vida. Gostaria, ao mesmo tempo, que o lessem pensando que é a verdade, que é um romance verdadeiro.”

Numa entrevista concedida por ocasião da estréia de *Sequestrados de Altona*, Sartre já defendia essa posição ao afirmar: “[...] é a partir de pequenos acontecimentos verdadeiros que são inventados pequenos acontecimentos falsos.”¹ Nas recordações de guerra, o escritor prenunciara a perda definitiva da **ilusão biográfica**: “Fui penetrado até as vísceras do que chamarei ilusão biográfica, que consiste em acreditar que uma vida vivida possa assemelhar-se a uma vida contada.” (SARTRE, 1995, p. 279).

Estatuto de verdade que subjaz à proposta autobiográfica², a promessa de definir-se com exatidão, numa representação fiel da realidade, não se coaduna com as premissas de autonomia e liberdade criadora, inerentes ao pacto literário/ficcional. Nesse sentido, os diários e a autobiografias revelam-se uma impossível via de acesso à subjetividade pois, como afirma Kerbrat (1997, p. 103): “[...] a autobiografia designa-se pelo seu título, ela é auto-referencial, é uma **escrita de**

¹ *Le Monde*, 17 de setembro de 1959, entrevista concedida a Claude Sarraute.

² Inúmeras são as discussões teóricas que envolvem a ficcionalização das biografias e os tênues limites que dissociam (ou associam) ficção e realidade no pacto literário. A esse respeito, remeto aos já referidos textos de Philippe Lejeune, bem como a Paul de Man (1984), “Autobiography as De-Facement”, em *The rhetoric of romanticism*; Linda Hutcheon (1988), *A poetics of postmodernism: history, theory, fiction* e, ainda, às pertinentes análises sobre o romance biográfico de M. Bakhtin (1984, p. 221 et seq., 1978, p. 237-398) *Esthétique de la création verbale* e *Esthétique et théorie du roman*.

si, isto é, um modo de expressão que presta conta da sua própria dificuldade de elaboração.”

Os escritos autobiográficos de Sartre são acompanhados, ratificados e até mesmo desmentidos por um sem-número de *entretiens* recolhidos e registrados, às vezes filmados, por aqueles que lhe são mais próximos. Esse conjunto de textos é acrescido de manuscritos, fichas, dossiês, folhas soltas, folhas esparsas datilografadas e fotocópias, produzidas durante o que se convencionou denominar o decênio autobiográfico sartriano (1953-1963).

O resultado dessas elaborações surge num texto final publicado em capítulos, em 1963, na Revista *Les Temps modernes*, e compilado, no ano seguinte, no livro *As palavras*, pela Editora Gallimard³. As questões de método, com as quais Sartre ocupava-se há muito tempo, são sintetizadas, de maneira original, em *As palavras*. O romance desenvolve-se num processo dialético que marca, paradoxalmente, a dependência e a independência de Sartre com relação à História, o que ressalta a potência verdadeiramente original deste projeto. A gênese narrativa da história de Poulou – cognome do jovem Sartre – inscreve-se no âmago de uma certa burguesia e de suas representações sociais e culturais. Como afirma Burgelin (1994, p. 32), a História, sob a pena de Sartre, não é nem rigorosa no detalhe, nem cronologicamente correta, mas o sentimento de viver na História, de ter uma relação substancial e alimentadora com ela, faz parte do húnus sartriano.

É preciso passar pela Alsácia de 1850 para se compreender a história de Sartre e a História oferece-lhe os recursos da construção de um romance e de um mito. Esta é a extraordinária *démarche* sartriana, na elaboração de *As palavras* – fundar seu próprio mito – um mito inexoravelmente ligado à narrativa das origens.

Assim sendo, em *As palavras*, Sartre faz-se mitólogo de sua infância. É este estatuto de mito que dá à narrativa sua tonalidade: “Hoje sei que transformar sua vida em narrativa é simplesmente viver. Somos homens-narrativa.” (LEJEUNE, 2008, p. 74), oscilando, incessantemente, entre a ingenuidade de um discurso aparentemente infantil, forjado por um escritor adulto, e a astúcia de uma construção mental fortemente articulada, perpassada, no seu eixo vertical, por uma gênese (auto)biográfica expressa pela análise do retrato de *artistas*, no sentido lato e sartriano do termo.

PEREIRA, D. Q. Autobiography: the phantasmatic relation between autobiographical writings and self- writings. **Itinerários**, Araraquara, n. 40, p. 119-129, jan./jun., 2015.

³ Existe uma gravação do texto integral de *Les mots*, interpretado por Michel Bouquet, com uma introdução falada de Arlette Elkaïm-Sartre, filha adotiva do autor, datada de 1988, distribuída em 5 áudio-cassetes, com duração de 6h e 30 min., distribuidora Auvidis.

- **ABSTRACT:** *This paper, by means of the Sartrian autobiographic project, whose literary production proposes us several manners of “self-writing”, highlights debates on singularity and alterity, the self and the other, the “bio” and the “graph”, to exam how the scriptural trajectory of this project allows us to revisit the nuances that mark out the problematic identity of the writer.*
- **KEYWORDS:** *Autobiography. Genesis. Self-writing.*

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Esthétique et théorie du roman**. Paris: Gallimard, 1978.
- _____. **Esthétique de la création verbale**. Paris: Gallimard, 1984.
- BORNHEIM, G. **O idiota e o espírito objetivo**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 1998.
- BUISINE, A. Naissance d'un biographe: soldat Sartre, Secteur 108. **Les Cahiers de Philosophie**, Lille, n. 10, p. 50-71, 1990.
- _____. Biofictions. Le biographique. **Revue des sciences humaines**, Lille, v. 88, n. 4, p. 8-13, out.-dez. 1991.
- _____. Sartre-Flaubert, le dialogue des morts. **Magazine Littéraire**, Puiseaux, n. 250, p. 54-56, fev. 1988.
- _____. Li philosophe louche. **Revue des Sciences Humaines**, Lille, n. 198, p. 109-140, abr./jun. 1985.
- BURGELIN, C. **Les mots de Jean-Paul Sartre**. Paris: Gallimard, 1994.
- COOREBYTER, V. Le miroir aux origines. In: IDT, G. (Org.). **Sartre: trois lectures: philosophie, linguistique, littérature**. Paris: Université de Paris X, 1998, p. 73-115. (Études sartriennes, 7).
- DOUBROVSKY, S. Sartre: autobiographie/autofiction. **Revue des Sciences Humaines**, Lille, n. 224, p. 17-26 e p. 254-264, out.-dez. 1991.
- HUTCHEON, L. **A poetics of postmodernism: history, theory, fiction**. New York: Routledge, 1988.
- KERBRAT, M.-C. **Leçon littéraire sur l'écriture de soi**. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.
- LEJEUNE, P. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1975.

_____. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha, tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MAN, P. *Autobiography as De-Facement*. In: _____. **The rhetoric of romanticism**. New York: Columbia University Press, 1984. p. 67-82.

ROUSSEAU, J.-J. *Les confessions*. In: _____. **Œuvres complètes. Tome I**. Paris: Gallimard, 1959. p. 4-424.

SARTRE, J.-P. **Qu'est-ce que la littérature?** Paris: Gallimard, 1948.

_____. **Saint Genet**: comédien et martyr. Paris: Gallimard, 1952.

_____. **Les mots**. Paris: Gallimard, 1964.

_____. **L'idiote de la famille**. Paris: Gallimard, 1971-1972. 3 v.

_____. **Situations, X**: politique et autobiographie. Paris: Gallimard, 1976.

_____. **Œuvres romanesques**. Édition établie par Michel Contat et Michel Rybalka. Paris: Gallimard, 1982. (Bibliothèque de la Pléiade).

_____. **Lettres au Castor et à quelques autres**: 1926-1963. Paris: Gallimard, 1983. 2 v.

_____. **Les carnets de la drôle de guerre**. Nouvelle édition augmenté d'un carnet inédit. Paris: Gallimard, 1995.

STAROBINSKI, J. **Jean-Jacques Rousseau**: la transparence et l'obstacle. Paris: Gallimard, 1971.

Recebido em 16/10/2014

Aceito para publicação em 21/04/2015

